



Sobre o inconsciente freudiano e depois

Juan Carlos Capo*

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Do inconsciente em análise. Trato do inconsciente “criado” por Sigmund Freud na época da amizade com Fliess e, por sua vez, do relato feito por Breuer sobre sua experiência com Anna O. Dos sonhos e sintomas dos seus pacientes, e dos seus. Sintomas revelados ora em dialeto histérico, ora em dialeto obsessivo. Há mais inteligibilidade na fala do obsessivo do que na opacidade do dialeto histérico, com suas conversações.

Leitura e articulação. Em “O inconsciente”, pode-se ler: “O núcleo do inconsciente consiste de representantes pulsionais que visam a descarga de seus investimentos; portanto, de moções de desejo”¹ (Freud, 1915/1979b, p. 183).

A impossibilidade de separar nitidamente os dois sistemas. Dentro do Icc não existe negação, nem dúvida, nem certeza. *Deslocamento e condensação* são as vias de esconderijo e acesso. Mas no capítulo VII do mesmo trabalho, Freud diz: “O estudo dos fenômenos do inconsciente evidenciou uma desautorização radical da pretensão de *obter uma separação esquematicamente límpida entre os dois sistemas psíquicos*” (Freud, 1915/1979b).

Também em “O ego e o id” pode-se ler: “Também uma parte do eu, Deus sabe o quanto importante, pode ser inconsciente, é seguramente inconsciente”². (Freud, 1923/1979, p. 19).

As psicoses. Será possível argumentar, talvez, a emergência de outro dialeto, que não tem a particularidade nem de um nem de outro dos dialetos mencionados. “O campo das psicoses (...), paranoia, esquizofrenia, tem uma *base comum persecutória*, que implica um nexos compartilhado de *discordância*”. (Allouch, 1984, p. 181).

Vértice vienense (I). Confluência de caminhos. Nem a anatomia do encéfalo ou da medula espinhal, nem a fisiologia garantiam a Freud poder ganhar a vida com o seu trabalho. Freud desenvolveu uma amizade intrincada, como de pai para filho, de professor para aluno, com Josef Breuer. Em Viena, era o apogeu do magnetismo, da hipnose, da sugestão. Freud quis entrar na faculdade como *privatdozent* e conseguir uma bolsa em Paris, onde tinha o alvo em Charcot, nas histéricas. Seu consultório lhe dava *neurastênicos*. Deles extraiu duas

1. García-Roza, L. F. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

2. Borges, S.N. (1996). *Metamorfoses do corpo: Uma pedagogia freudiana* (p. 139). Rio de Janeiro: Fiocruz.

peças que se articulavam: uma era a tópica sexual, a outra, a liberação de angústia.

O relato de Breuer. Anna O. Ela era uma moça linda, poliglota, que devia cuidar do seu pai que agonizava. Mas o enfoque de Breuer segue a *abreção* frente ao trauma, que dava espaço para que o afeto ficasse “estrangulado” na inervação corporal. Freud voava mais alto. A doutrina da repressão sexual seria fundamento essencial para compreender a neurose. O esforço profundo do médico teria de ser o de tentar derrubar defesas. Já não *catarse*, mas sim *psicanálise* (Breuer e Freud, 1893-1895/1979; Freud, 1925/1979c).

No que foi dito, está implicada de novo a *transferência*, alavanca crucial na experiência que pode se tornar obstáculo (resistência-hostilidade-repressão). Breuer estava longe de detectar a corrente amorosa na transferência, daí sua cegueira ante toda questão sexual no tratamento de Anna O. O fato de colocar final obrigatório a seu “tratamento catártico” revelou a Breuer um saber ignorado. Freud também se encontrou, no final de uma sessão de hipnose, com uma paciente que se pendurou em seu pescoço. As potências infernais entravam em movimento (Freud, 1925/1979c, p.26).

Vértice parisiense. Freud viveu o *acontecimento novo* quando foi ao Salpêtrière. As pacientes mostravam signos de linguagem corporal. Arco de círculo, mutismo, letargia, contorção. Não era nem o inconsciente romântico, nem o das divindades da noite, nem o do filósofo Eduard Von Hartmann (Lacan, 1964/1974) o que lhe foi revelado.

Vértice vienense (II). O discurso histérico do próprio corpo. Consistia de uma anatomia simbólica: Dora, com o sintoma da sua tosse, ou com suas dores deslocadas, frente à excitação erótica (Freud, 1905/1981a).

Os novos signos: anestésias, impotências motoras, algias, atos involuntários, sonhos diurnos e alucinações visuais na hora de dormir testemunhavam “outra cena” (conceito de Gustav Fechner) insuspeitada e um afeto que foi chamado de angústia. Freud não deixava de perceber que esses sintomas se sobrepuñam aos descritos no acme do orgasmo, o

que o levou a deduzir que “a angústia é, em geral, *libido desviada de seu emprego normal*”³ (Freud, 1893-1899/1981b).

Vértice londrino. Arthur Koestler, ensaísta e romancista, entrevistou Freud em Londres. Com Koestler, Freud abordou dois pontos: um deles foi o avanço nazista, a queima de livros, a inexistência de campos de extermínio. Koestler (1953/1974) recorda que Freud disse: “Estão desatando a *agressão* que se encontrava reprimida na nossa civilização. (...) Entendi ser subjacente às suas palavras que o alcance de sentido a dar a elas não era *comprendre c'est tout pardonner*, mas sim *comprendre c'est tout comprendre*”. O outro ponto foi a impossibilidade de Freud dizer a palavra câncer, que logo o levaria à morte. Apenas disse: “Isso que tenho no lábio”.

Vértice vienense (III). Anna O. deu àquelas entrevistas com Breuer o nome de *chimney-sweeping* ou *talking cure*. Por isso, talvez ambos mereçam ser chamados de precursores da descoberta do inconsciente, à luz do que *nachträglichkeit* (“posteriormente”) aconteceu (Breuer e Freud, 1893-1895/1979; Freud, 1925/1979c).

Referências

- Allouch, J. (1984). Du discord paranoïaque. In J. Allouch, *Lettre pour lettre*. Paris: Érès.
- Breuer, J., & Freud, S. (1979). Estudios sobre la histeria. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Freud, S. (1979a). El yo y el ello. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1979b). Lo inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 15). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1979c). Presentación autobiográfica. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1981a). Fragmento de análisis de un caso de histeria (caso “Dora”). In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1981b). La sexualidad en la etiología de las neurosis. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1899)
- Koestler, A. (1974). La escritura invisible (p. 162). Madri: Alianza/Emecé. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1974). El inconsciente freudiano y el nuestro. In J. Lacan, *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (Vol. 11, p. 36). Barcelona: Seix Barral. (Trabalho original publicado em 1964)

3. Freud, S. (1996). A sexualidade na etiologia das neuroses. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3, p. 256). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1899).